

EM TORNO DAS APARÊNCIAS: ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A INDUMENTÁRIA E A CULTURA MATERIAL NA VILA DE CURITIBA (SÉCULO XVIII).

Julia Maria Gonçalves*

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar aspectos referentes às vestimentas e às aparências dos habitantes da Vila de Curitiba durante o século XVIII. A dita Vila, em meados dos setecentos, foi marcada por um período de prosperidade econômica. A pecuária e o tropeirismo, principais atividades econômicas da Vila no momento, permitiram o contato da região com importantes centros econômicos da América portuguesa. Devido a essa integração, levantamos a hipótese que o contato com outras localidades possibilitou uma maior circularidade e diversidade de mercadorias. Nesse sentido, pretendemos compreender como aqueles indivíduos se vestiam durante os setecentos e buscamos perceber qual era a importância econômica e simbólica das vestimentas. Para isso, iremos nos apoiar nos inventários *post mortem*, especificamente nos bens materiais que compunham esses documentos.

Palavras-chave: Indumentária; Cultura material; Vila de Curitiba

AROUND APPEARANCES: PRELIMINARY STUDY STUDY ON CLOTHING AND MATERIAL CULTURE IN THE CURITIBA VILLAGE (18th CENTURY).

Abstract: This article has as objective to present aspects referring to the costumes and appearances of the inhabitants of the Curitiba Village during the XVIII century. Said Vila, in the mid-seventies, was marked by a period of economic prosperity. Livestock and tropeirismo, the main economic activities of the Village at the time, allowed the region to contact important

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: juliamgoncalves95@gmail.com.

economic centers of Portuguese America. Due to this integration we hypothesized that the contact with other localities allowed for a greater circularity and diversity of objects. In this sense we intend to understand how these individuals dressed during the seven hundred and sought to understand what was the economic and symbolic importance of clothing. For this we will rely on post-mortem inventories, specifically on the material assets that made up these documents.

Keywords: Clothing; Material culture; Curitiba Village.

Introdução

A descoberta das minas de ouro na região central da América portuguesa, em meados do século XVIII, destinou grande atenção e investimento das autoridades oficiais, tornando-se a principal atividade econômica no momento e substituindo a economia do açúcar. Esse efervescer econômico possibilitou a integração de algumas regiões no conjunto econômico da América portuguesa, como os Campos de Curitiba e os Campos Gerais. Essa integração pode ser compreendida pelas seguintes circunstâncias: “a região das minas situava-se numa distância inconveniente do Rio de Janeiro, não havia gado, não havia meios de transporte.” (NADALIN, 2001). Nesse sentido, para atender as exigências necessárias às áreas de mineração, a região Sul, principalmente a Vila de Curitiba, fornecia aos mineiros o que eram indispensáveis a estes: gado, transporte, alimentação. A economia mineira, através de seus efeitos indiretos, permitiu que articulassem as diferentes regiões do sul do país¹. Tal conjuntura possibilitou o desenvolvimento do tropeirismo na região da Vila.

A partir do contexto mencionado, consideramos relevante compreender a cultura material de um espaço que começou a apresentar prosperidade econômica e pensar de que maneira a integração com outros centros econômicos interferiu na vida material dos indivíduos que habitavam a Vila naquele momento. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta como objeto a indumentária e a cultura material dos habitantes da Vila de Curitiba na segunda metade do século XVIII. Buscaremos compreender como os moradores da Vila se vestiam, sobretudo, qual era o peso das vestimentas dentro dos seus patrimônios e os valores simbólicos representados

¹ FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

pela indumentária. Ainda, nos propomos a investigar os sujeitos que vestiam tais roupas e adornos: quais eram suas ocupações/atividades econômicas? Como moravam? Como organizavam seus espaços domésticos? A partir de alguns artefatos do cotidiano que localizamos nos inventários *post mortem* foi possível perceber que a Vila em meados dos setecentos era um local simples. As moradias eram elementares, os interiores domésticos escassos, quase não havia móveis. Porém, no tocante à indumentária, o cenário era um pouco diferente. Em inventários que praticamente inexistia mobiliário e outros objetos do cotidiano, havia certa diversidade de vestimentas, com tecidos sofisticados e significativo valor econômico. Ainda que vivessem de maneira simples, os indivíduos daquele espaço tinham a preocupação em manter uma boa aparência? Em vestir-se bem? Para responder essas questões nos apoiaremos em um conjunto de 37 inventários *post mortem*. Como bem menciona o título do trabalho, por se tratar de um estudo preliminar, que está em desenvolvimento, trouxemos algumas hipóteses que foram possíveis de serem levantadas a partir da análise de alguns documentos.

Objetivos e metodologia

Pensando no contexto da Vila de Curitiba em meados do século XVIII e conforme mencionado, temos a intenção de compreender como os indivíduos que habitavam aquele espaço se vestiam. Mais que isso, entender o peso dessa indumentária dentro dos seus patrimônios, comparando-as com os outros bens e também, os valores simbólicos que representavam para aquela sociedade. Os inventários *post mortem* são adequados para esses objetivos porque constituem “depoimentos incomparáveis do teor da vida e da feição das almas na sociedade colonial” (MACHADO, 2006).

Quando um indivíduo vinha a óbito, por lei, os seus bens materiais deveriam ser reunidos e avaliados, a fim de que fosse feita a divisão entre os herdeiros. Nesses processos cartoriais pouco se detalhava acerca do defunto, apenas informações sobre o ano de seu falecimento e quem foram seus herdeiros. Já os seus bens materiais eram informados de maneira detalhada e minuciosa. Em decorrência dessa característica, os inventários coloniais em nada se assemelham aos da atualidade. Nada escapava ao arrolamento, por mínimo que fosse o valor. Mesmo que o bem estivesse em precárias condições, ainda assim era mencionado pelos

louvados/avaliadores². A partir dos valores quantitativos e qualitativos dos bens presentes nos inventários, podemos perceber a importância que estes tinham para determinado meio e sociedade. Essa rica fonte histórica nos traz uma visão muito próxima do cotidiano material da América portuguesa.

Entendemos esses artefatos presentes nos inventários como a cultura material da sociedade curitibana. Compartilhamos a noção de cultura material desenvolvida por José Newton Coelho Meneses ao entender que

[...] O conjunto de objetos de uma vivência, a chamada “cultura material”, é mais que o trabalho do homem, o seu produto, o consumo do homem, a técnica e a tecnologia que ele cria, o saber que ele inventa, o progresso da sociedade humana, a simbologia ou a filosofia do homem. O objeto é o homem; é a extensão do seu gesto. É o próprio gesto. [...] o artefato, materialidade que estende o gesto ao seu mundo, é instrumento das intenções, opções e sentimentos do homem. (MENESES, 2017, p. 10).

Ainda, pensamos esses artefatos dentro dos contextos sociais que lhes dão sentido e historicidade. (ROCHE, 2000). As vestimentas aqui analisadas devem estar em consonância com as circunstâncias da Vila de Curitiba no dito período. Conhecer o funcionamento econômico daquela sociedade também nos permite compreender a posse de determinados bens.

As atuais contribuições de alguns historiadores que se adentraram aos estudos da cultura material, através dos inventários *post mortem*, e buscaram compreender seus variados aspectos como produtos do tempo e do espaço que estão inseridos são importantes referenciais teóricos e metodológicos para este estudo. Destacamos aqui os estudos de Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez (2014) sobre as transformações da riqueza e dos objetos do cotidiano, antes e depois da escravidão, no Vale do Paraopeba/MG; Leila Mezan Algranti (2017) sobre a importância do universo material para o funcionamento, representação e celebração da Casa Real portuguesa no Rio de Janeiro Joanino; Maria Aparecida Meneses Borrego (2017) referente à materialidade presente nas práticas sociais em torno das refeições no espaço doméstico em São Paulo colonial; além de José Newton Coelho Meneses (2015) que buscou analisar as fazendas mineiras, entre os séculos XVIII e XIX, como lugares de abastecimento alimentar, sociabilidades e da intimidade familiar.

² Os louvados eram um dos profissionais necessários para a elaboração dos inventários *post mortem* (além de juízes, advogados, testemunhas, escrivães). Em decorrência de seus conhecimentos acerca do valor dos bens imóveis, móveis, escravos e animais, tinham a função de avaliar os bens do inventariado.

Resultados

Fernand Braudel (1995), ao estudar as vestimentas das sociedades pré-industriais, afirma que o vestuário possui uma dupla função: a de proteger das circunstâncias climáticas e também a de diferenciar socialmente. Na Vila de Curitiba, por meio das informações encontradas nos inventários em simbiose com as especificidades daquela localidade, concordamos com o historiador.

Para refletirmos acerca das vestimentas da Vila, primeiramente iremos nos ater a uma compreensão geral das indumentárias. Com uma análise descritiva, observaremos quais eram as principais vestimentas presentes em alguns inventários, quais tinham o maior valor, de qual material eram feitas, para, posteriormente, reduzirmos a análise a dois inventários, a fim de compararmos os valores das roupas com o valor do montante do patrimônio. Também, comparar os valores das vestimentas em relação a outros bens. Enfim, pensar a representatividade desses artefatos no cabedal desses sujeitos. Para a elaboração dessas análises, nos apoiamos metodologicamente em Algranti (2016).

Na tabela abaixo foram inseridos artefatos relacionados à indumentária que estão presentes em alguns inventários. Destacamos aqui três itens: a matéria prima, os adjetivos/descrições e o preço:

Tabela 1: Indumentária presente nos inventários (1729-1785)

| Tipo de indumentária | Material/cor | Adjetivos | Quantidade presente nos inventários | Valor dos bens nos inventários |
|-----------------------------|---|------------------|--|---------------------------------------|
| Saia | Seda preta | Usada | 1 | 9\$000 |
| Saia | Seda fina vermelha | Usada | 1 | 7\$000 |
| Gibão | Seda fina azul com onze botões de prata | - | 1 | 2\$560 |
| Manto | Carrião | Usado | 1 | 6\$000 |

| | | | | |
|----------------|--|--------------------------------------|---|--------|
| Manto | Seda | Usado | 1 | 1\$600 |
| Manta | Baeta vermelha | Usada | 1 | \$960 |
| Meias | Seda rosa | - | 1 | 2\$000 |
| Chapéu | Branco | - | 1 | 1\$000 |
| Vestia | - | - | 1 | 2\$000 |
| Calção | - | - | 1 | 2\$000 |
| Casaco | Baeta preta | - | 1 | 1\$000 |
| Meias | - | - | 1 | \$960 |
| Chapéu | - | - | 1 | \$480 |
| Par de sapatos | - | - | 1 | \$640 |
| Manto | Tafetá | Bom uso | 1 | 8\$000 |
| Gibão | Damasco | Velho | 1 | \$800 |
| Carapuça | Serafina azul, fornada de serafina vermelha, com botão de prata | Já com seu uso | 1 | 2\$000 |
| Côvados | Baeta verde | Usado com um furo ou um buraco | 2 | 2\$000 |
| Côvado | Baeta vermelha | Usado | 1 | 1\$200 |
| Capote | Baeta | Bom uso | 1 | 6\$000 |
| Vestia | Serafina azul | Já usada | 1 | 2\$600 |
| Par de meias | [laja] | Já usada | 1 | \$500 |
| Par de meia | [pizam] | Já usadas | 1 | \$640 |
| Três quartos | Brim | - | - | 1\$120 |
| Par de sapatos | Veado | Bom uso | 1 | \$640 |
| Vestia | Baeta de mulher | Bom uso | 1 | 1\$600 |
| Vestia | Seda de Mulher | Bom uso | 1 | 4\$500 |
| Saia | Seda fina preta | Usada | 1 | 4\$000 |

Fonte: Arquivo do Estado do Paraná, elaborada pela autora.

A maioria dessas roupas eram feitas de seda, baeta e tafetá, que eram tecidos sofisticados, possivelmente vindos da Europa. O preço variava entre o tipo de material que eram feitas e também pelo seu estado: velhas, usadas ou em bom uso. Como por exemplo: “um manto de seda usado” que foi avaliado em 1\$600 réis e “um manto de tafetá em bom uso”³ que foi avaliado em 8\$000 réis. Notamos que algumas vestimentas, mesmo já usadas, até “com um furo ou um buraco” eram bem avaliadas. De acordo com Daniel Roche, alguns adjetivos utilizados para descrever as vestimentas demonstram que já foram reutilizadas inúmeras vezes. Mesmo estando fora de moda, eram artefatos sofisticados. Provavelmente foram usados por gerações:

Era uma civilização onde o usado dominava, ao término de anos de lavação e limpeza com os meios precários, sem detergente eficaz que a cinza das lixívias, ou um raro abão que aparecia pouco a pouco. Em Poitou, no Limousin ocidental, 50% do guarda roupa branco ou indumentário era qualificado de “usado; no melhor dos casos o mau estado de um traje não exigia, como hoje, o seu abandono, se inscrevia num conjunto de gestos e valores, nessa transmissão que era feita pela doação, a herança e os mercados de ocasião [...] (ROCHE, 2000, p. 265).

Também devemos considerar que a indumentária não se limitava a essas que notamos acima, poderiam existir roupas produzidas pelos próprios habitantes, feitas do algodão, da lã, com baixo custo: “A grande maioria dos inventários não tinha relacionados entre seus bens roupas de uso pessoal ou mesmo roupa de cama e banho. Provavelmente essa ausência refletia a confecção própria e pouco comercializada dessas roupas”. (FARIA, 1998, p. 233).

Referente ao preço dessas vestimentas podemos observar questões interessantes. No inventário do casal Luiz Rozado e Maria Mello, de 1729, “um manto de tafetá em bom uso” custava 8\$000 réis, enquanto “uma vaca solta” ou “um novilho de dois anos” custavam 2\$000 réis cada⁴. O casal possivelmente se dedicava à pecuária, já que no rol de seus bens notamos uma grande quantidade de animais. Ainda assim, em um momento que a criação de animal era uma atividade de destaque, ou seja, os animais eram valorizados monetariamente, notamos algumas vestimentas com valores similares e até superiores a esses bens. Na tabela abaixo, na qual destacamos dois inventários, o de Anna Pereira da Silva (1782) e o do referido casal (1729), podemos perceber essa representatividade da indumentária.

³ Arquivo do Estado do Paraná, 1705 e 1729.

⁴ Arquivo do Estado do Paraná, 1729.

Tabela 2: Relação da indumentária aos outros bens em dois inventários (1705 e 1729)

| Ano do inventário | 1729 | 1782 |
|--|---------------------------|-----------------------|
| Nome do inventariado | Luiz Rozado e Maria Mello | Anna Pereira da Silva |
| Monte-mor do inventariado | 356\$140 | 703\$995 |
| Valor total da indumentária | 25\$500 | 41\$460 |
| (%) da indumentária em relação ao inventário | 7,16% | 5,8% |
| Valor total dos escravos | 95\$000 | 341\$200 |
| (%) dos escravos em relação ao inventário | 26,6% | 48,46% |
| Valor total dos animais | 196\$900 | 205\$420 |
| (%) dos animais em relação ao inventário | 55,28% | 29,17% |
| Valor total dos imóveis | 10\$000 | 145\$600 |
| (%) dos imóveis em relação ao inventário | 2,8% | 36,04% |
| Valor total dos utensílios profissionais | 23\$200 | 19\$760 |
| (%) dos utensílios profissionais em relação ao inventário | 6,51% | 2,8% |
| Valor total do mobiliário | 5\$540 | 25\$240 |
| (%) do mobiliário em relação ao inventário | 1,5% | 3,5% |

Fonte: Arquivo do Estado do Paraná, elaborada pela autora.

De acordo com a tabela acima, podemos notar o que tinha maior valor econômico dentro do patrimônio do casal Luiz Rozado e Maria Mello e da inventariada Anna da Pereira Silva. No do casal, em 1729, em primeiro lugar estavam os animais, que representavam um pouco mais da metade do montante de seus bens, 55,28%. Conforme mencionamos, o casal tinha posse de

muitos animais, possivelmente eram criadores de gado, o que explica a maior representatividade desses bens. Em segundo lugar, vinham os escravos, totalizando 26,6 % dos bens. A mão de obra escrava era altamente valorizada na sociedade colonial e no contexto da Vila no período, a demanda era alta devido ao desenvolvimento da pecuária. Já referente aos outros artefatos, a indumentária vinha em terceiro lugar representando 7,16% da riqueza do casal. O imóvel e o mobiliário do casal tinham valor bem inferior se comparado a outros bens, moravam em uma “casinha de palha” e possuíam uma quantidade mínima de móveis. Já no tocante à indumentária, possuíam uma diversificação de bens, tal como: “um manto de tafetá em bom uso”; “um capote de duas baetas em bom uso”; “uma vestia de serafina azul já usada”; “um par de sapatos de veado em bom uso”⁵. Essas são algumas das vestimentas que os inventariados possuíam. A matéria prima desses artefatos, tal como o tafetá e a baeta, eram tecidos sofisticados como já mencionamos, com significativo valor econômico. Com exceção a vestia de serafina, que já estava usada, os outros artefatos apresentavam “bom uso”. Poderiam ser roupas novas. Mesmo o habitat do casal sendo simples, com pouco mobiliário e artefatos domésticos, poderia haver uma preocupação em vestir-se bem. É possível inferir que a posse desses itens foi possível através do contato com outros centros econômicos da América portuguesa. A atividade econômica ligada à pecuária, exercida por Luiza Rozado e Maria Mello, possibilitou o acesso a determinadas mercadorias, como as referidas vestimentas.

Da mesma maneira, no inventário de Anna Pereira Silva, as roupas tinham um lugar de destaque. Em primeiro lugar, estavam os escravos, representando 48,46% da riqueza da inventariada, seguido dos imóveis, 36,04%, animais, 24,5% e da indumentária, 5,8%. No caso dessa inventariada, o destaque se deu em torno da indumentária geral, que eram os lençóis, fronhas, toalhas, os enxovais e dos tecidos que eram feitos: “Foram vistos e avaliados dois lençóis de linhos em bom uso”. E também, a indumentária pessoal: “Foi visto e avaliado uma saia de gala”⁶. Em comparação aos outros artefatos do cotidiano (que eram praticamente irrisórios) a valorização da indumentária não tem como passar despercebida.

Considerações finais

⁵ Arquivo do Estado do Paraná, 1729.

⁶ Arquivo do Estado do Paraná, 1782.

Essas foram algumas (das muitas) observações que pudemos obter em relação às vestimentas da Vila de Curitiba. É notável que os indivíduos se preocupavam em manter uma boa aparência. Provavelmente, com o desenvolvimento da pecuária e a integração da Vila ao conjunto econômico da América portuguesa, possibilitou-se maior acesso a esses tipos de artefatos, tal como vimos nos exemplos de alguns inventariados. Essas vestimentas não demonstram apenas o consumo/a possibilidade de adquirir certos bens pelos indivíduos da Vila, mas demonstram o próprio gesto desses homens. Mesmo vivendo de maneira simples existia uma necessidade em vestir-se de maneira elegante, talvez uma maneira de se distinguirem socialmente. A indumentária, juntamente com a cultura material, é um importante elemento para compreendermos a história social da sociedade curitibana na época colonial.

Referências bibliográficas

ALGRANTI, Leila Mezan. Alimentação e cultura material no Rio de Janeiro dos vice-reis. Diversidade de fontes e possibilidades de abordagens. **Varia Historia**, v. 32, n. 58, 2016.

ALGRANTI, Leila Mezan. Em torno da mesa do rei: artefatos, convivialidade e celebração no Rio de Janeiro joanino. **Anais do Museu Paulista**, v. 25, n. 1, 2017.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Das caixas da casa colonial às arcas do Museu Paulista. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 25, n. 1, p. 199-225, 2017.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII**. As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. Tradução Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995. v.1.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. **A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

GONÇALVES, Julia Maria. **(Re) fazendo a vida em tempos de crise: riqueza e cultura material na Vila de Curitiba (1697 – 1729)**. Londrina, 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). UEL, 2017.

- LIMA, Enezila de. **A Vila de Curitiba: 1765 – 1820**, estudo da dinâmica econômico-social de uma comunidade. São Paulo, 1982. Tese (doutorado em História Social), FFLCH, USP, 1982.
- MACHADO, Alcântara. **Vida e Morte do Bandeirante**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1930. (1.ed. 1929).
- MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Cinzas do Passado: cultura material, riqueza e escravidão no Vale do Paraopeba/MG (1831/1914)** – Londrina: Eduel, 2014.
- MENESES, José Newton Coelho. Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: O quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 23, n. 2, p. 69-92, 2015.
- MENESES, José Newton Coelho. Introdução-Cultura material no universo dos Impérios europeus modernos. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 25, n. 1, p. 9-12, 2017.
- NADALIN, Sérgio Odilon, **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.
- ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo. Séculos XVII-XIX**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.